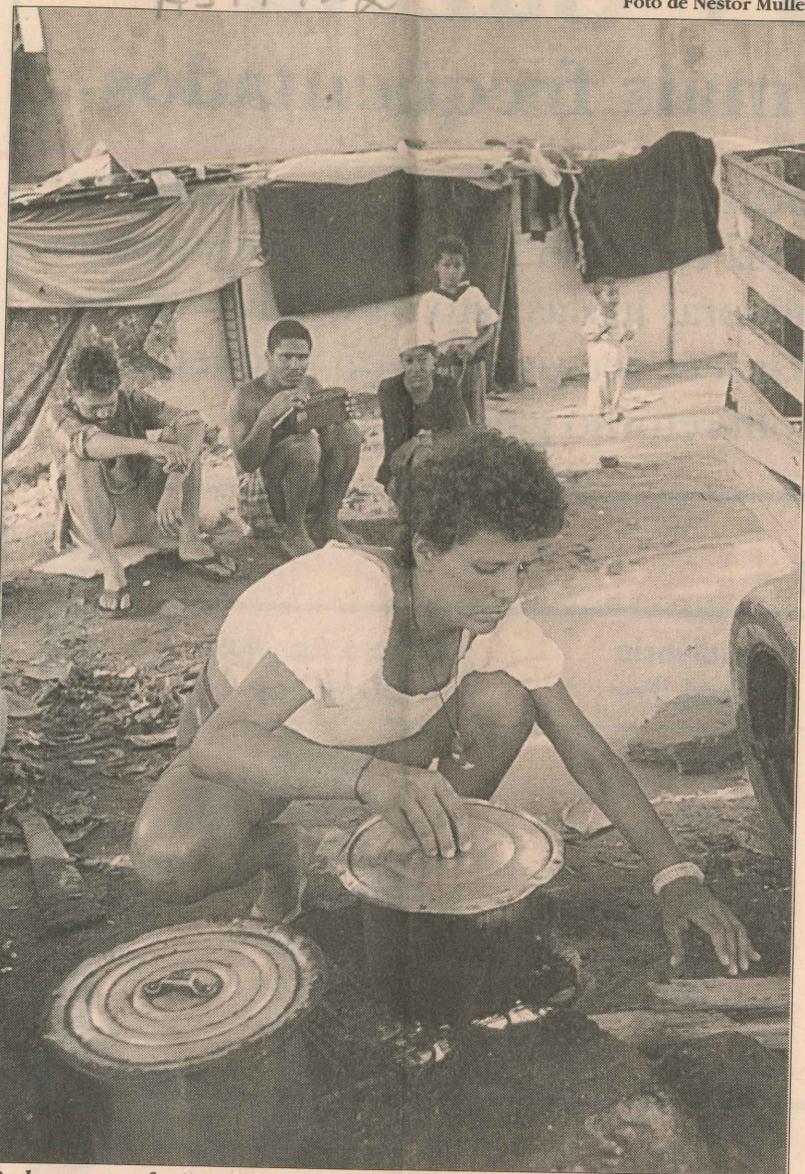


Moradores de rua se espalham pela cidade

Foto de Nestor Muller



Da barraca ao fogão, tudo é improvisado pelos moradores de rua de Vitória

Em barracos improvisados em terrenos baldios, debaixo de pontes ou na praia, eles estão espalhados pela cidade, muitas vezes formando famílias inteiras, com crianças ainda de colo. Embora possa parecer absurdo o modo como vivem, os moradores de rua de Vitória rejeitam ofertas de empregos ou moradia e com frequência apresentam problemas de alcoolismo.

A concentração maior dos sem-teto atualmente é na região de Camburi. No final da Praia, em um terreno baldio, pelo menos três famílias estão instaladas em barracos de compensados de madeira e lona. A maioria se recusa a conversar. Os que falam fantasiam muito e todos, embora flagrantemente alcoolizados, negam problemas com a bebida.

A carioca Márcia Valéria de Oliveira, 31, que faz parte do grupo, conta que chegou ao Estádio há uma semana. Afirma que tem vontade de trabalhar, mas não acha oportunidade. Segundo ela, no Rio de Janeiro morava em uma casa alugada e trabalhava. "Mesmo na rua, temos uma moral imperando", afirma. Sua fala é articulada, embora tenha as marcas da rua na pele: feridas, arranhões, sujeira.

Márcia afirma que o pai é alcoólatra e diz que gosta de beber "por opção", garantindo que não é dependente. Um dos casais que mora no local, há pelo menos dois meses, tem dois filhos, aparentemente três e sete anos. A comida é improvisada em um fogão de lenha e alguns se mostram agressivos. "Sei que há o abrigo, mas lá há muitos regulamentos, não me adaptaria", disse Marcia.

Outra mulher do grupo, sem se identificar, mostra a barriga da gravidez e conta ter outros três filhos, nenhum morando com ela. Ela também parece ter bebido e diz que a população tem os ajudado a viver no local, fazendo doações.

Mais adiante, também em um terreno baldio, está instalado em

uma barraca de lona o casal Rita José de Brito, 27, e Amado José Daré, 36, com a filha Paula, de apenas cinco meses. Apesar de viver na rua, a aparência da menina é saudável. "Estamos bem aqui. Não vê a menina, como está gorda", justifica Amado, falando com dificuldade devido à bebida.

Logo depois, no entanto, ele afirma querer casa e emprego, mas diz que desde que chegou de Governador Valadares, em Minas Gerais, há três meses, não procu-

rou ocupação por ter perdido os documentos. A mulher, conformada, afirma não gostar da rua. "Mas ele gosta, fazer o quê?", diz.

Na orla de Camburi, dormindo no calçadão, Elias Comerio, 46, considera-se "jogado fora". Ele diz que não pode trabalhar devido a sequelas de queimaduras nas pernas e vive há 12 anos nas ruas, desde que se divorciou da mulher, que mora em Linhares com os dois filhos. "Não tenho mais nenhuma esperança", sentenciou.

Prefeitura cadastra 68

O levantamento mais recente feito pelos educadores de rua da Secretaria de Ação Social de Vitória demonstra 68 pessoas morando nas ruas da Capital, muitas já tendo passado pelo abrigo localizado nas proximidades da Rodoviária, mas tendo retornado às ruas. A secretária de Ação Social, Vera Nascif, ressalta que neste último mês tem notado, embora os números ainda não estejam contabilizados, um movimento anormal da população de rua.

Eles estão indo para a rua com mais estrutura, colchões e até fogão. No dia seguinte à inauguração da Ponte Ayrton Senna, havia três famílias no local, depois retiradas. "Imaginamos que por ser uma época eleitoral eles estejam recebendo mais ajuda, o que dificulta a intervenção dos educadores. Se têm ajuda para viver na rua, não querem sair", observou Vera.

Ela explicou que o grupo de Camburi já foi abordado e se recusa a sair do local. Segundo Vera, não havia conhecimento da presença de crianças, mas o Conselho Tutelar será acionado e poderá recolher os meninos. "É possível que os moradores tenham mudado, porque essa população é muito fluída", disse, ressaltando que como a área é particular a Prefeitura está localizando o dono do terreno para que ele possa entrar com uma ação de reintegração de posse.

Vera Nascif lembra que a recuperação dos "dependentes da rua" não é fácil, ainda mais com a associação do alcoolismo. "Nós abordamos para convencer as pessoas a irem para o abrigo, onde serão tratadas", disse, ressaltando que há perda de todas as referências de uma vida normal.

"Não podemos obrigá-los a ir para o abrigo", lembrou a secretária. No abrigo, há apoio de médicos e psicólogos, com ajuda dos Alcoólicos Anônimos, para recuperação dos dependentes. Além disso, são providenciados documentos. Vera aconselha às pessoas a evitarem dar esmolas e ligarem para o abrigo, 322-3468, ou para o Conselho Tutelar, 222-1045, quando há crianças.